

Pinho deixou um texto explicativo para cada quadro. Os escritos apontam os caminhos da exposição, a ordem em que as obras deveriam ser exibidas e os 9 anos de trabalho, dedicação e sofrimento voltados à criação do “Destino do rapaz da rua”. Exprimem as motivações do artista, a angústia colocada para fora através da pintura. Uma experiência de confinamento transformada em arte por meio de memórias retidas de um passado que não passou, que rolou dentro do artista durante toda sua existência. Neste livro publicamos os textos por ele deixados, documentos importantes para pensar sua obra.

# 1 "O Tanque"

Naquele canto, no exterior, junto à cozinha, havia um tanque, o tanque da lavagem para os porcos.

Chegar até lá era difícil, era sempre uma aventura. Os prefeitos vigiavam tudo e todos e a todo o momento. Mas quando a fome apertava, havia sempre os suicidas que se precipitavam para ele. Claro está que tinha de haver um plano e pelo menos desse plano constavam dois internados. Uma para estar de vigia, enquanto o outro procurava qualquer coisa que boiasse ou não e que servisse para trincar. No Inverno, esta operação era penosa, pois o frio, o gelo e a pouca roupa tornava tudo mais difícil.

Parece que os géneros distribuídos nestas casas eram suficientes para a alimentação dos rapazes, mas a verdade é que, nem em quantidade nem em qualidade, isso acontecia.

Mesmo esqueléticos, mercê de uma alimentação altamente carenciada, eles eram duros. Secos, pouca roupa, peito e pés desnudos Verão e Inverno, lá iam resistindo.

- Aguentavam marchas maiores e melhores que os outros.

- Aguentavam dores melhor que os outros.

Enfim, a predisposição para aguentar era muita. Precisavam disso mesmo, para tão pouco com que contar. Mas a verdade estava

na cara. Quantas vezes, na forma e no exterior, se ouvia: "Coitadinhos, só têm olhos e orelhas!!"

Mas apesar de duros, também se morria... E ele morreu! Morreu, porque lá no cimo, junto à capela dos milagres, recolheu caroços de azeitona. Era o resto dos farnéis que os peregrinos deixavam pelo chão. Serviam para comer, tal qual um pinhão. Depois de partido, era comido com broa que, às escondidas, trazia do refeitório, para a tarde. Ele, que já era escuro, com aqueles caroços de azeitonas, pôs-se verde, e morreu.

Este infeliz foi daqueles que para ali foi atirado e nunca mais quiseram saber dele. O seu pequeno físico, pelo que sofreu, ou vinha sofrendo, devia estar bem preparado para tudo mas não, os caroços de azeitonas bastaram para o Matar. Passaram-se quatro anos até a sua família dar pela sua falta.

# 2 "A venda da ração de pão"

Como a fatura era pouca, o pão era moeda de troca. E se pensarmos que o pão todos comem, isto porque a comida, tal como por vezes era servida, nem todos a podiam comer. Mesmo assim alguns escondiam a sua ração de broa e, fora do refeitório, transacionavam-na. Neste caso

a tela mostra-nos uma vocação. Para ele, desenhar era tudo. Até retratava companheiros. Só que, para isso, precisava de papel e lápis. Vendia o seu pão por dois tostões e esperava que um amigo estivesse de fachina à portaria para lhe trazer papel e lápis, e quando saísse à venda para comprar cigarros para o porteiro. Tantas vocações extraordinárias, sem qualquer possibilidade de se poderem afirmar. Crianças que cedo aprenderam quanto custa manter vivo um ideal ... e sempre as grades...

### 3 "A enfermaria"

Depois do pequeno-almoço, todos aqueles que não tinham faxinas marcadas, seguiam para o grande recreio, parada monumental, e aí aguardavam toques de ordem. Duas vezes por semana, o som da requinta ou da corneta chegava até lá.

Toqueadoentes! Toque característico e que os mais vem humorados cantavam acompanhando: "Quem está doente vai para o hospital comer galinha e água sem sal!" Os doentes formavam no centro e, à ordem do prefeito, seguiam para a enfermaria. O tipo de doenças variava, mas duas eram constantes: "a tinha e a sarna".

Quando se chagava ao fundo do grande corredor, passando por camaratas à esquerda e à direita, lá estava a sala de enfermagem. A ordem vinha gritada de lá de dentro, mas era sempre a mesma: "Tinhosos e sarnentos, para um lado, os outros, para o outro".

Pernas engessadas, à mistura com dedos dos pés sem unhas, por jogar a bola de trapos, feridas de todo o tipo, frieiras que deformavam os pés e mãos, algumas gretadas e sempre a rever, dores de dentes, cabeça, abdómen, etc. Normalmente todos estes males se curavam com óxido de zinco (pomada) tintura de iodo e enxofre. Se lá estavam doentes com dores ou febre, sem mal aparente, era certo e sabido que passariam uns dias a "água lisa" sem sal.

Quanto a doentes e doenças, muito se podiam contar, mas talvez apenas duas cheguem para dar a entender como tudo aqui estava mal.

O enfermeiro era um antigo internado e por diversas razões lá foi ficando. O tratamento aos tinhosos era assim: aos que tinham tinha seca, pintava-se-lhes a cabeça com tintura de iodo; aos que tinham tinha húmida, barrava-se-lhes a cabeça com uma papa de linhaça e de seguida punham-lhe uma boina branca e um elástico. Dias depois, era-lhe retirada. Aparecia então uma cabeça quase

toda em carne viva e depois, a velha tintura de iodo, enquanto um colega abanava uma toalha. Aos sarnentos davam ordem para se despirem e eram besuntados com enxofre. De seguida, vestiam-se e lá iam convivendo e pegando o seu mal aos outros. O próprio enfermeiro era tinoso crónico, e com as mesmas mãos que fazia estes curativos, também tratava dos outros.

Com remate da enfermaria, deve acrescentar-se: o tratamento indicado para todos aqueles que se queixassem de dores de dentes, era sempre o mesmo: "Olha, arranja um fio, ata-o ao dente e vai puxando". E assim ele passava a fazer. Ia para a cama e enquanto não adormecia, puxava; nas formas, puxava; até que ele já abanava. Até que gritava "... ah, filho da mãe, até que enfim, saiu!". Bem, para ir ao dentista, fora, só se houvesse aí uma dúzia a precisar, porque se houvesse um ou dois, não valia a pena.

Aqui fica no entanto a homenagem ao enfermeiro, ao Mário, que, comenetrado do seu saber, fazia o que podia e diga-se com um certo profissionalismo.

## 4 "O Transporte das Achas"

O transporte das achas para a

cozinha e padaria era feito assim, em fila indiana, da mata até cá abaixo. No Verão, se não fosse o peso, até era divertido! Mas no Inverno, era extremamente penoso. O transporte fazia-se quase sempre sobre gelo. O camisote era largo, rasgado e aberto no peito. Era "confeção pronto-a-vestir". Qualquer medida servia.

Análise é fácil. Figuras resignadas, de olhar distante, aparentemente alheias a tudo que os castiga. Mãos e pés maltratados, por vezes com frieiras horríveis, rasgadas, abertas e sangrentas. As achas cheias de gelo, obrigavam alguns a defender as mãos com o camisote, mesmo destapando a barriga.

Note-se a ajuda que um dos "grandes" dá a um dos mais pequenos. Retirando-lhe achas e carregando-as e isto, talvez durante 2 km. Por vezes a atuação de alguns rapazes considerados maus, espantava. Retiravam achas aos mais fracos e distribuíam-nas pelos outros. E aí de quem as negassel!

## 5 "As Urtigas"

É verdade, alguns urinavam sistematicamente na cama. Eram sempre os mesmos. A vergonha que sentiam já era um grande castigo. Alguns já eram conhecidos

e chamados de “Mijão”. Alguns até já davam pelo apelido. Mas outros reagiam sempre violentamente. Mas a verdade é que no dia seguinte lá estava a cama novamente molhada. Aqui se lembra o Álvaro. Aquele que, depois de sair, vivia com uns tios e que tão maus eram para ele. À noite, e já homenzinho, com cerca de 17 anos, se chegasse a casa depois das 10 horas, já não lhe abriam a porta, ficava na rua pois tinha vergonha de se dirigir a casa de um antigo companheiro. Voltamos ao dormitório. Já tocou a alvorada. Quando se levantou e abriu a roupa da cama, confirmou, tinha urinado novamente. Lembramos a sua expressão, sempre a mesma. Tristeza, medo e olhar longínquo. Ele sabia que depois do balneário, antes do pequeno-almoço, teria de passar pela sala de música, como era conhecida, para ali ser vergastado com urtigas - palma. Claro está, andava meio-dia correndo, estudando, trabalhando, sempre a coçar-se. No dia seguinte o mesmo. Isto era desumano. Se isto acontecia assim, algo não estava bem. Mal físico e psíquico, não poderia ser tratado com urtigas. O que elas provocavam era apenas o medo e o ódio.

Lembramos, à noite, depois do toque de silêncio, o seu medo. A luta que ele travava para não adormecer até que o sono o vencia,

e, de manhã, o mesmo! Mais um dia ia seguir-se, começando por ser fustigado com urtigas!

## 6 “A ESCOLHA” dum internado

Certa instituição pública recebia crianças, neste caso do sexo masculino, depois dos seis anos e meio. Para isso precisavam de ser pobres, órfãos ou abandonados. Intervinham para o seu internamento as Juntas de Freguesias, Câmaras e Governos Civis.

Feitas ali a 1ª e 2ª classes, transitavam para a “Colónia”, instituição de características muito duras. Aí se completavam a 3ª e 4ª classes, ao mesmo tempo que se frequentavam oficinas de sapateiro, carpinteiro, trabalhos agrícolas e fachinas de todo o tipo. Assim, feito o 2º grau, três situações esperavam o internado.

1º - Se tinham família e esta quisesse, mediante certos compromissos, tiravam-no (raramente).

2º - Por ali vegetavam até à idade de ir para a tropa.

3º - A possibilidade de alguém o requisitar para trabalhar.

De repente, onde quer que se estivesse, dentro de muros, claro, ouvia-se o toque da requinta ou da corneta para a forma geral. Ali, já estavam com o Diretos, o

“Brasileiro”, Português regressado do Brasil.

Apenas um testemunho:

Aconteceu a um, ser levado para muito longe, para moço de lavoura. Os patrões dormiam no piso superior. À noite, para dormir, foram-lhe dados 3 sacos e um monte de tojo num dos cantos do estábulo, junto aos animais.

Era uma criança de 15 anos e fugiu. Fugiu de Vila Real para os arredores do Porto. Sem dinheiro, pedindo, para dormir e comer. E voltou! Foi entregar-se novamente à colónia. Não tinha para onde ir. Era ali a sua casa, onde tinha os amigos. Ele não chegou a poder ver esta exposição. Foi ele quem contou no meu atelier esta sua passagem, e dizendo “muitas mais eu poderia contar”. Morreu há dias. É verdade, morreu há dias e, pelos tratos que a vida lhe deu, vivia há muito tempo com a sua companheira À cabeceira da cama - “a garrafa de oxigénio”.

Por vezes, iam como externos. Sem qualquer preparação para viverem sós. Se tinham o trabalho perto, ou nas grandes cidades, ficavam na “Casa Paterna”, instituição também pertencente a toda a organização. Afinal, sair, ir trabalhar, ir embora, era o melhor que podia acontecer a um internado.

A escolha não era feita pelas suas inclinações.

A escolha não podia ser recusada.

Para a escolha não era consultada a família, mesmo que a tivesse. E o pior é que era escolhido e levado. Exatamente como se escolhe e leva o gado na feira!

## 7 “AS GRADES” Cruz

Geralmente, os grandes casarões abandonados são ocupados por instituições como por exemplo: asilos, orfanatos, tutoriais, reformatórios, etc. Geralmente estas casas têm altos muros, portas e janelas chapeadas e engradadas. Lá dentro metem-se crianças que, fechadas, ali vivem até um dia. E para estas, por detrás duma grade, mesmo que seja dourada, é sempre carregar uma cruz.

Esta tela diz isso mesmo. O olhar da figura central é cortante. Mãos abertas, limpas e um olhar frontal acusam a sociedade. Ao olhar esta imagem estabelece-se um diálogo surdo, onde se fala de culpas e falta de amor.

Notamos pela vida fora que alguns homens evitam dizer a palavra amor. Sentem-se muito mais homens quando proferem um palavão e bem-sonante para que os outros oiçam bem! Será que nunca pensaram na força que esta palavra tem? E, se quiserem, até mesmo para bater.

...E de que forma magoa! Quando,

como agora, diante desta tela, no tal diálogo surdo, a consciência se sente castigada... pelo olhar, que irá consigo.

## 8 "O Refeitório"

*Esta tela mostra uma grande família à mesa. Todos aparentam calma. Mas diversos problemas se podem ler.*

*A vigilância permanente não é a mesma das nossas casas, junto dos filhos. É uma vigilância pronta a castigar. Porque fala, porque não come, porque trocou o garfo, porque se levantou para saborear o cheirinho da comida que passa. É outra, e vai para o Senhor Diretor. A figura esquelética que aponta ao Prefeito a sua ração de pão... tão pequenina! Note-se também a ração deste.*

*Há os que estão sempre prontos a comer tudo. Comem o que é deles e o que os outros lhe dão, são os Ranhosos. E note-se que a primeira figura sentada, cheia de raiva. A sua expressão hostil, raivosa é o resultado dum processo que se está desenvolvendo contra ele. Ele caiu em desgraça. Repare-se a raiva com que ele se vingava no garfo. Ele quase não vai comer, pois os fuchinas estão preparados para lhe pôr no prato apenas um pouco de água. Isto, até lhe desfazerem a*

*personalidade. (Este tema é tratado noutra quadro).*

*A descrição que se segue talvez seja considerada chocante, mas porque é verdade, deve ser contada.*

*Para os Prefeitos, um internado comer ou não comer não era problema, apenas tinham violentas crises de Autoridade. Quantas vezes o internado não consegue comer, mas ele obriga-o. Põe-se ao lado dele. Insiste e quando menos se conta aparece na primeira "cachassada" que lhe bate com o nariz no prato. E continua, até que o internado começa com vômitos. Ele grita-lhe "se vomitas comes..." e isso aconteceu muitas vezes.*

*Ser obrigado a comer o vomitado por parecer impossível. É chocante, mas é verdade.*

## 9 "A Forma"

*Da forma, pouco há a dizer. Para sair era preciso tirar a roupa interna, as calças de ganga e o camisote de cotim. Já na rouparia, perfilhada e no seu lugar, lá estava a farda e o boné, com o seu número! Tinham que estar em ordem, com botões e colchetes no sítio. E assim, todos de igual fardados, iam rua fora, bem guardados, algum podia fugir. Ai de quem falasse. Era apontado o seu número em silêncio, para*

depois!!...

Entretanto na rua, à passagem ouviam-se piropos como estes:

“Coitadinhos, só têm olhos e orelhas - Olha, foram abandonados! Más mães, nem os animais abandonam as suas crias!” Ou ainda: “Aquele é tão bonitinho, tão fininho, coitadinho!”

Eis agora a razão que inspirou esta tela: (porque a ferida ficou)

- A recomendação do Chefe dos Prefeitos:

“Vocês vão pela rua, porque passeios, são para os outros!”

Felizmente, só a alguns conseguiu ferir.

A forma, a bicha, pode muito bem até ser espelho de civismo. Saber esperar, andar na sua vez e com ordem, é uma coisa, agora que o passeio fosse para os outros, NÃO!

## 10 “O Regresso”

Ele fugiu!... mas foi caçado.

A notícia chegou correndo a todos os cantos dentro de muros.

À antiga Polícia de Viação e Trânsito não era nada difícil aperceber-se de que o rapaz que caminhava na estrada, de cabeça rapada, apenas com calças e camisote de ganga, mais um pano como mala, para levar as suas coisas, era um fugitivo da Colónia. E assim, perseguia-o e agarrava-o como se de um gato bravo se tratasse, e entregava-o.

Na tela, vê-se o fachina da portaria de cabeça baixa, triste, porque ele sabia o que lhe ia acontecer. Os colegas dentro de portões de ferro aguardam-no, comungando da derrota comum. Ele foi caçado! Para além da humilhação do regresso, seguir-se-iam vergastadas e a passagem pela enfermaria para pôr alvaiade e vinagre nas feridas.

Quantas vezes fugiam sem ter para onde ir, sem ter onde comer nem dormir e a fome começava a apertar. Era de sua livre vontade que voltavam a entregar-se. Aqui, mais uma vez saliento a ação do Padre Américo - “Se queres ir, vai, quando quiseres voltar, volta!” Não havia muros nem grades, portas com guardas nem grades para sair ou entrar!



## 11 "A Água"

Este tema é uma homenagem!  
Todos nós sabemos que crianças à beira mar são mais alegres e, por isso mesmo, passam o tempo movimentando-se mais que o normal. Daí a transpiração e a sede. Além do suplício da sede, é a necessidade física de ingerir líquidos. Mas a verdade é que não havia água da ordem. A sede começava a apertar! Já se viam a correr menos e os mais velhos ensinavam: "Dá meia dúzia de passos com a língua de fora, que refresca!" Mas a verdade é que só a água satisfaz. Os que já tinham ido a banhos diziam: "Espera, tem calma, que Ela vem!" "Ela" era a Avó do Fragina (?) um antigo internado, que não conhecemos, e que morava para das bandas das Cachinas. Tantos, ou todos os olhos perscrutavam, lá para esses lados, tentando vê-la. Era bom que Ela aparecesse pois alguns rapazes chegavam a sentir-se mal.  
E era verdade, aquela santa para alguns, lá vinha, carregada, geralmente com um regador, balde e duas ou três canecas de folha. Lembramos aquela velhinha, pequena, de cabelo muito branco, a cara muito marcada, como todos os da beira-mar. Lembramos a sua cara consolada ao ver beber com sofreguidão a água

que ela carregara de tão longe. Mas ela sabia como era querida. Até havia os que convictamente também lhe chamavam Avó! E Ela correspondia. Era boa, era simples, talvez não atingissem muita altura os seus pensamentos, mas sentia-o. Ela sabia que muitos nunca tiveram uma avó e ela era de todos eles!

- Pela água e pelo seu amor, cá ou no além,  
Bem haja, Avó!

## 12 "O CASTIGO"

Curiosos é que aqueles que mais castigos físicos sofriam eram geralmente os mesmos. A um castigo seguia-se logo outro. Porquê? Porque a ação a merecer novo castigo era quase sempre uma prova de retaliação. Esta situação fazia com que uma criança apenas rebelde, passasse a rapaz mau! E vinha mesmo o ataque, neste caso, mostrado assim - O Prefeito batia-lhe e ele dizia só assim: "Não tem mais força? Puxe!" Claro que isto exaltava o castigador e havia mais violência no castigo. Mas a verdade é que alguns internados eram duros. E continuavam "Só assim?" Claro, que esta era a sua forma, no momento, de reagir, mas numa situação de igualdade podia aparecer o crime. O testemunho seguinte é bem a prova disto.

Um dia a secretaria apareceu toda revolta, até mesmo com armários tombados. Desta situação foi apurado que faltavam algumas mãos de papel costaneira. E como este servia para desenhar, os 2 ou 3 internados que gostavam de desenhar, foram chamados e castigados, tendo um deles de fazer curativo às costas na enfermaria, com alvaiade e vinagre. Estes rapazes pertenciam a um grupo que raramente era castigado.

Um destes rapazes, não se sabe qual, também se vingou! - Saindo do seu campo, o que já era uma grande aventura, lá conseguiu chegar a casa do chefe dos prefeitos.

## 13

### **DESPERSONALIZADO"**

Os chacais atacam em grupo.

Lá dentro, a nível dos grandes, também havia os gangs. E quando não tinham força, aliavam-se a outros. Quando algum elemento caía em desgraça, despersonalizavam-no, faziam dele um farrapo. Todos acabavam no mesmo. Caídos, a meter dó! é só uma questão de tempo. Enquanto para alguns eram precisos apenas meia dúzia de dias, outros precisavam de um, dois ou três meses.

O processo: a máquina montou o plano e, a partir do minuto x, todos lhe obedeciam. Começa o seu isolamento. Ninguém lhe pode falar. Começa a ser escalado para os fachinas piores, como sanitas, etc. Depois de limpas, eles voltavam a sujar tudo e, como havia revista, ele era castigado. A cama era desfeita, como havia revista, era castigado. No refeitório acontece o mesmo. Os fachinas do refeitório só lhe deitam um pouco de água no prato. A correspondência dele é-lhe entregue rasgada, rasgam-lhe a roupa, é acordado à travesseirada, sem saber quem foi, etc, etc. Os dias vão passando. Ninguém fala com ele. Só, encostado às paredes, com o embrulho das suas coisas debaixo do braço, caso não, fica sem nada. Então começa outra fase. Ele está a ficar maduro, como diziam os chefões. Miúdos são mandados como chacais para lhe dar cabo dos nervos. Com as suas mocas, cercam-no, batem-lhe, puxam-lhe a roupa, cospem-no, chamam-lhe nomes, e ele já não reage! Refugia-se na parede, e pede que o deixem. A figura é típica. Com um braço, segura as suas coisas, e com o outro defende principalmente a cabeça das mocadas. Grita, implora "Deixem-me! Deixem-me!" Faz pena... Já não é o rapaz valente, voluntarioso de algumas semanas atrás. Às vezes eram

“O

rapazes que podiam bem com 3 ou 4 em luta aberta. Qualquer miúdo grita-lhe: "Vai dar um beijinho ali no chão! E ele vai e pede que o deixem. Nesta altura está totalmente despersonalizado, é um farrapo!

Alguns do gang, neste período, levavam longe demais o seu ato de despersonalização, levando-o para a mata, violando-o! Era o fim! Esta situação, não se sabe quando, mas vai custar-lhe caro. E a verdade é que, algum tempo depois, depois da outra parte ter conseguido determinados fins, que resultou nesta despersonalização, foram feitas as pazes. Era normal que alguns aparecessem num estado que mais parecia terem caído dum prédio de 10 andares. A verdade é que ele foi transformado num farrapo. Não comia, não dormia, fazia pena!

Era um despersonalizado!

## 14 "A FUGA"

Se é verdade que a maior parte dos internados não tem ninguém nem para onde ir, também é verdade que só porque estão presos, têm que fugir. A partir do momento que algum resolveu fugir, duas aventuras distintas o esperam. A primeira, a fuga no interior. A segunda, a fuga no exterior.

Da primeira havia que estabelecer o plano. Como? Quando? E com que poderia contar. Por isso começava por armazenar as suas rações de pão. Isto dar-lhe-ia uma certa independência e facilidade inicial de movimentação, mas depois, teria que pedir ou mesmo roubar, como qualquer gato vadio. Geralmente eram apanhados. A fome e o seu aspeto denunciava-os.

A segunda, no exterior, não era mais fácil. Havia quem gostasse de ajudar os "miúdos", mas também havia os que lhe moviam uma perseguição quase feroz. Lá dentro iam chegando notícias de que o fugitivo foi visto em diversos locais, por vezes mesmo os lados opostos, no espaço de algumas horas e era difícil agarrarem-no.

Geralmente, depois de perseguições coletivas recamboliscas, através de estradas ou matas, lá era agarrado como bicho selvagem. Tinha passado alguns dias fugido, cheio de fome e dormindo em palheiros. Ele é apenas uma criança sem sorte.

Lá acabava por ser atirado para junto dos outros. Isto, a todos dava uma sensação de derrota. Seguiam-se o castigo...

...E durante uns dias tinha muito para contar!

A fuga, às vezes, era apenas para tomar o cheirinho e gosto da liberdade, valendo sempre a pena,

independentemente do desfecho.

## 15 "A ENTRADA"

Dois choques brutais!

- O primeiro, é o afastamento mãe/filho

- O segundo, a transposição para lá daquela porta.

Para lá daquela grande porta, o amor, o carinho e a liberdade acabaram.

O Porteiro, já na posse da sua documentação, encaminha-o para a rouparia. Lá, troca a sua roupa pelo camisote e calças de ganga da ordem. Depois, é levado e deixado no recreio. Ali ouve-se gritar: "Um de novo! Um de novo!" Rapidamente é cercado. Medo, muito medo. Perdido sentese encurralado como presa pelos cães. Fecha-se o círculo. Muitas caras e muitos olhos pregados nele. Caras normais, caras doentias, caras alucinadas, caras enigmáticas, caras agressivas, caras ranhosas. E começa o bombardeamento de perguntas: - *Donde és, pá?* - *Que idade tens, pá?* - *Tens pais, pá?* Puxam-lhe o camisote por trás, de lado, de frente, segue-se uma palmada, ou até mesmo uma canelada.

Depois das lágrimas do adeus, já outras rebentam, as do medo. E há

quem lhe grite: "Põe-te fino, pá!" Ele é tão pequenino, pouco mais de 6 anos e meio.

Sempre aparece um que diz: "Deixem-no!" Se é grande, será o seu padrinho, o seu guarda-costas, mas também aquele que lhe ficará com tudo, até mesmo os "Mimos" que ele vier a ter nos dias de visita. Encostado a uma parede, chora, olha, olha, e não compreende! Alguém se aproxima dele e diz: "Não chores!" Este geralmente será no futuro um amigo. Começa por lhe ensinar os toques da ordem. Há toques para tudo. Começa por lhe apontar o seu lugar da forma. E diz "Tu és atrás do 307... A tua cama é esta... O teu prato é este aqui!"

Procurar o seu lugar na forma é difícil, eles são tantos! - Dormitórios, são vários e camas, são tantas! - E, no refeitório, procurar o seu prato e o seu lugar é também difícil, porque pratos e tijelas e mesas, também são tantos.

A verdade é que, de empurrão em empurrão, acaba por saber conhecer, chegar. A primeira noite é dolorosa é terrível! A saudade e o medo fazem chorar. Chora baixinho e ferra no lençol para que não se oiça.

Passado que foi apenas um mês e ele já cresceu tanto!... Esvazia-se de lágrimas e, a partir daí, começa a sua luta. A luta para sobreviver e para se manter de pé.

## 16 "Luta de Gigantes"

Havia algum tempo já que se adivinhava a borrasca. Eles eram dos grandes. Eram duas superpontências. Durante muito tempo pairou a dúvida de quem ganharia no choque. Era verdadeiramente difícil aventurar o nome do vencedor. Qualquer deles era valente. E qualquer deles também sabia disso a respeito do outro. Por isso mesmo se evitavam. Pólvora! A guerra fria há muito que começara. Estavam cheios de ódio, como pólvora no paiol. Só era preciso uma pequena faísca. E ela apareceu no meio da noite e precisamente naquele dormitório.

Era inverno. Altura em que se sentia mesmo fome! Altas horas da noite, um deles, rapaz considerado mau, fugiu, e numa grande aventura, foi À desposas arrombando-a, e acabou por voltar ao dormitório exatamente como o boneco de Michelin. Com o camisote amarrado nos pulsos e as calças nos tornozelos. Estava gordo! Estava cheio de postas de bacalhau, pão, chouriço, tomates e cebolas.

Pousou tudo na primeira cama e disse: - "Acordem Todos! Primeiro comem os miúdos" (e ele era mau) "Primeiro comem os miúdos" -

repetiu. A outra superpontência pegou num pão de trigo, e foi o rastilho! Atirou-se a ele e foi a maior luta que vimos! Eram realmente valentes. A ética não permitia que os separassem. Eles já se batiam mais com os olhos que com os punhos. Já caíam só porque chocavam um com o outro. Ninguém ganhou! E provaram-no logo de seguida como eram valentes e nobres. De repente, entrou no dormitório o guarda da noite e o prefeito da área e perguntou: "Que se passa aqui?" Eles os dois, bem esmurrados, ensanguentados, a cair, disseram à uma "Não se passa nada." O prefeito não era todo, e apercebeu-se que grossa coisa tinha havido, pegou nas palavras deles e disse: "Não se passa nada, vamos dormir!"

## 17 "O Quarto Escuro"

Felizmente, já há 50 anos, raramente funcionava. E quando acontecia, em moldes muito suaves, pelo que relatavam os mais antigos. Mesmo assim, só pelo facto de existir, era um espinho cravado nas mentes dos internados. Era no vão de uma escada daquele casarão. Sítio velho, frequentado por baratas e ratazanas. Mas funcionou e só isso o estamos aqui relembando. Ex internados devem ter vivido ou vivem ainda com a

recordação amarga desse espaço negro, tendo como utensílios, um balde para as suas necessidades.

Como esta exposição tem um objetivo, perguntamos: Quantos de nós seríamos capazes de fechar um filho, mais a mais uma criança, num quarto como o descrito?

Com a imaginação e o medo duma criança, o que ela poderá ver no escuro!!!

Depois do castigo físico, se havia reincidência, vinha o quarto escuro! Para o "Castro" (figura apresentada no tema "O Castigo") era altura de falar, dignificando-o, como o fez diversas vezes: "Tu conheces bem o bem e o mal, portanto ficas tu, agora, aqui, a mandar! Depois venho pedir-te contas do teu mandato". Ele transformou "maus" em bons rapazes. Lembramos que o seu castigo era duro mas justo e muito humano! Por isso ninguém tinha medo dele.

## 18 "O Dia de Visita"

Logo de manhã, quando o corneteiro tocava a alvorada, o primeiro pensamento é alegre... Hoje é dia de visita! Meses, semanas, dias, horas e minutos, eram lembrados permanentemente na sua contagem decrescente.

Chegou a hora da visita! O que é a primeira visita depois do internamento? Não há palavras

para a descrever. O abraço longo com soluços, que até faz doer os ossos! Os olhos querem sorver mais que ver, à mistura com o choro.

Lembramos aqui e já aqueles para quem nunca existiu um dia de visita. Continuam jogando à bola ou à barra, alheios a qualquer chamada. Será mesmo que não sentem? Será mesmo que não dói? Os outros tinham sorte. Os seus números faziam sempre parte da primeira chamada. Os seus chegavam sempre na primeira camioneta.

E naquelas salas escuras, com grandes, com guarda e bancos corridos, funcionava a visita. - Uma avó, apenas a avó - irmãos separados - uma carta apanhada antes de sorratamente entregue à família, etc, etc.

A visita era uma espécie de oásis. Agora e já, é uma sineta que toca. É o sino da portaria, que anuncia o fim da visita. Visitantes e visitados ficavam tristes e novamente começava a contagem decrescente até outro oásis!

## 19 "O Chelique"

- Ensaio do Desmaio

Um dia, quando a forma em trânsito rolava num jardim da cidade do Porto, em direção à estação de comboios da Boavista, parou!... Porque parou? Que aconteceu lá

para a frente?

A notícia já começou a saltar para trás, de boca em boca, chegou! Uma mulher, conhecendo a farda, perguntou. Perguntou por "ele", ele era seu filho!

De repente como uma mola que salta, toda a forma lhe virou as costas, num gesto de solidariedade para com "ele".

"Ele" tinha morrido, havia já cerca de três anos. Tanto tempo e ela, a mãe, ainda não sabia! - Foi daquelas que, depois de o internar, o abandonou!

## 20 "Um Cristo de Gravata"

- Meu Deus, tantos os abandonados!...

...E um dia alguém se aproxima, se se aproxima, e diz, como que dizendo a maior banalidade do mundo - "Eu sou teu pai, ou tua mãe!"

Ele, já esvaziado de lágrimas, não vacila nem chora. No entanto, esperou toda a sua vida por aquele instante.

Ele sabia que um dia, numa curva da vida, ia saber!!!

Neste quadro, como um toque para forma geral, faz-se uma chamada por todos aqueles que abandonados, e por isto mesmo, Ricos e talvez ricos, p'raí viveram e hão-de continuar mesmo assim, vivendo, apenas e só como





## Notes for a Painting Exhibition

Pinho left an explanatory text for each painting. The writings highlight the journey of the exhibition, the order in which the works should be exhibited, and the 9 years of work, dedication and suffering aimed at creating the "Destiny of the Street Boy". They express the artist's motivations, the anguish exposed through the painting. An experience of confinement transformed into art through preserved memories of a past that has not passed, that lingered within the artist throughout his existence. In this book, we publish the texts he left behind, important documents for contemplating his work.

## 1 "The Tank"

In that corner, outside, next to the kitchen, there was a tank, the washing tank for the pigs.

Getting there was difficult, it was always an adventure. The guards watched everything and everyone at all times. But when hunger struck, there were always the suicides who rushed towards it. Of course, there had to be a plan and at least two internees were part of that plan. One to keep watch, while the other looked for anything that might or might not float that could be used for carving. In winter, this operation was painful, because the cold, the ice and the scant clothing made everything more difficult.

It seems that the food distributed in these houses should have been enough to feed the boys, but the truth is that this did not happen, neither in quantity nor quality.

Even skeletal, thanks to a highly deficient diet, they were tough. Parched, scantily clothed, bare chest and feet, they persisted there in summer and winter.

- They could handle longer marches better than the others.
- They took pain better than the others.

Anyway, the predisposition to put up with it was too much. They needed that very thing, for there was so little to count on. But the truth was in the

face. How many times, in the line and outside, was one heard: "Poor things, they only have eyes and ears!!"

But despite being tough, you also died... And he died! He died, because up there, next to the chapel of miracles, he collected olive pits. It was the rest of the litter that the pilgrims left on the ground. They were used to eating it, just like a pine nut. After being broken, it was eaten with bread that was secretly brought from the cafeteria for the afternoon. He, who was already dark, with those olive pits, turned green, and died.

This unfortunate man was one of those who was thrown there and never to be heard from again. His small physique, for what he suffered, or was suffering, must have been well prepared for everything but no, the olive pits were enough to kill him. It took four years for his family to miss him.

## 2 "Bread for sale"

As provisions were scarce, bread was a bargaining chip. And if we think that everyone eats bread, this is because food, as it was sometimes served, could not be enjoyed by all. Even so, some hid their bread ration and traded it outside the cafeteria. In this case, the canvas shows us a vocation. For him, drawing was

everything. He even portrayed companions. But for that, he needed paper and a pencil. He sold his bread for two pennies and hoped that a friend would be at the front desk to bring him paper and pencils when he went out to the store to buy cigarettes for the porter.

So many extraordinary vocations, without any possibility of asserting themselves. Children who learned early on how much it costs to keep an ideal alive...and always the bars...

### 3 "The infirmary"

After breakfast, all those who didn't have any chores, went to the big playground, a monumental stop, and there they waited for the orderly touches. Twice a week, the sound of the horn or trumpet reached there.

Touch the sick! A characteristic touch that the most humorous ones sang along with: "Whoever is sick goes to the hospital to eat chicken and water without salt!" The sick formed in the center and, at the guard's order, went to the infirmary. The type of diseases varied, but two were constant: "ringworm and scabies".

When you reached the end of the great corridor, passing wards to the left and right, there was the nurses' room. The order was shouted from within, but it was always the same:

"Ringworm and scabies on one side, and everyone else on the other".

Legs in casts, mixed with toes without nails, from throwing the ball of rags, wounds of all kinds, blisters that deformed the feet and hands, some cracks and always retreating toothaches, headaches, stomachaches, etc. Usually, all these ailments were cured with zinc oxide (ointment) tincture of iodine and sulfur. If they were sick with pain or fever, without any apparent illness, it was certain and known that they would spend a few days in "flat water" without salt.

As for sick people and illnesses, a lot could be said, but perhaps only two are enough to show how bad everything was here.

The nurse was a former internee and for various reasons he stayed there. The treatment for the sick was like this: to those who had dry skin, their heads were painted with iodine tincture; to those who had damp skin, their heads were smeared with flaxseed porridge and then a white beret and an elastic band were put on. Days later, it was removed. Then, the head was almost raw with the old tincture of iodine, while a colleague fanned a towel. The ones with scabies were ordered to strip and then smeared with sulfur. Afterwards, they got dressed and there they lived together and took their trouble to others. The nurse himself was chronically itchy, and

with the same hands that made these dressings, he also took care of others.

With the conclusion of the ward, it should be added that the treatment indicated for all those who complained of toothaches was always the same: "Look, get a thread, tie it to the tooth and pull". Thus, they proceeded to do so. They would go to bed pulling on it until they fell asleep; in all the different ways they pulled to the point of shaking. Until one shouted "... ah, son of a bitch, finally out!!".

In order to go out to the dentist, there had to be at least a dozen who needed it, because it wasn't worth it for only one or two.

Here, however, is the tribute to the nurse, Mário, who, aware of his knowledge, did what he could and with a certain professionalism.

## 4 "Transporting Logs"

Transporting logs to the kitchen and bakery was done like this, in single file, from the forest down to there. In summer, if it hadn't been for the heavy weight, it could even be fun! But in winter, it was extremely painful.

Transport was almost always on ice. The shirt was loose, torn, and open at the chest. It was "ready-to-wear confection". Any measure would do.

Analysis is easy. Resigned figures, with distant eyes, apparently oblivious to everything that punishes them. Hands and feet badly treated, sometimes with horrible blisters, torn, open and bloody. The ice-filled logs forced some to defend their hands with their shirt, even uncovering their stomachs.

Note the help that one of the "big ones" gives to one of the smaller ones. Removing logs and loading them and that, maybe for 2 km. Sometimes the performance of some boys considered bad was surprising. They took logs from the weakest and distributed them to others. And woe to those who deny them!

## 5 "The Nettles"

True, some systematically wet the bed. They were always the same. The shame they felt was already a great punishment. Some were already known and called "Piss". Some even gave the nickname. But others always reacted violently. But the truth is that the next day the bed was wet again. Here Alvaro remembers. The one who, after leaving, lived with uncles who were so mean to him. At night, when he was a young man, about 17 years old, if he got home after 10 o'clock, they wouldn't open the door for him anymore, he would stay on the street

because he was ashamed to go to the house of an old friend.

Let's go back to the dorm. Dawn has already struck. When he got up and took off the bedding, he confirmed he had urinated again. We remember his expression, always the same. Sadness, fear, and a distant gaze. He knew that after the bathhouse, before breakfast, he would have to go through the "music room", as it was known, to be lashed there with palm nettles. Of course, he was running around half a day, studying, working, always scratching himself. The next day the same. This was inhumane. If this happened like this, something was wrong. Physical and psychic evil, it could not be treated with nettles. What they provoked was only fear and hatred.

We remember, at night, after the silence, his fear. The struggle he fought to not fall asleep until sleep overcame him, and in the morning, the same! Another day he would follow, starting with being lashed with nettles!

## 6 "THE CHOICE" of an internee

A public institution received children, in this case male, after the age of six and a half. For that they needed to be poor, orphans or abandoned. Intervening for his internment were the Parish Councils, Chambers and

Civil Governments.

Having completed the 1st and 2nd classes there, they moved to the "Colony", an institution with very harsh characteristics. There, the 3rd and 4th classes were completed, while at the same time, they attended workshops for shoemakers, carpenters, agricultural works and all kinds of mills. Thus, having completed the second level, three situations awaited the internee.

1st - If they had a family who wanted to, through certain commitments, take them away (rarely).

2nd - There they remained until they were old enough to join the army.

3rd - The possibility of someone soliciting them to work.

Suddenly, wherever you were, within walls, of course, you could hear the sound of a horn or trumpet for the general lineup. There, they already had rights, the "Brazilian", the Portuguese who had returned from Brazil.

Just a testimonial:

It happened to one farm boy, to be taken far away. The bosses slept upstairs. At night, for sleeping, he was given 3 bags and a pile of thistle in one of the corners of the stable, next to the animals. He was 15 years old and ran away. He fled from Vila Real to the outskirts of Porto. No money, begging to sleep and eat. And he came back! He went to surrender again to the colony. He had nowhere to go.

That was his house, where he had his friends. He did not get to see this exhibition. He recounted this story to me in my studio, saying "so many more I could tell". He died just days ago. It's true, he died a few days ago and, due to the treatment that life gave him, he lived for a long time with his companion at the head of his bed - "an oxygen bottle".

Sometimes they went as externals. Without any preparation to live alone. If they had work nearby, or in large cities, they would stay at the "Casa Paterna", an institution that also belongs to the entire organization.

After all, going out, going to work, going away was the best thing that could happen to an internee.

The choice was not made by their inclinations.

The choice could not be refused.

Even if they had one, their families were not consulted to make the choice. And the worst part was that they were chosen and taken away. Exactly the way cattle are chosen and taken to the fair!

## 7 "A CROSS BEHIND BARS"

Generally, the large, abandoned houses are occupied by institutions such as: asylums, orphanages, tutorials, reformatories, etc. Usually these houses have high walls, doors and windows plated and barred.

There are children who, closed in, live there for up to a day. And for them behind bars, even if they're golden, they're always carrying a cross.

This painting says just that. The gaze of the central figure is sharp. Open, clean hands and a forward look that accuse society. When looking at this image, a deaf dialogue is established, where guilt and lack of love are expressed.

We've noticed throughout our lives that some men avoid saying the word love. A lot of men have more feeling when they swear at others! Have they never thought of the power that these swear words possess? And, even to beat up if they want.

...And how it hurts! When, as now, in front of this canvas, in that deaf dialogue, conscience feels punished... by the look, which will go with it.

## 8 "The Cafeteria"

This scene depicts a large family at the dinner table. Everyone looks calm. But several problems can be read.

Permanent surveillance is not the same as in our homes, with our children. It is surveillance ready to punish. Because he talks, because he doesn't eat, because he changed his fork, because he got up to smell

the food passing by. There's another one that goes to Mr. Director. The scrawny figure pointing out his bread ration to the guard... so tiny! Also note his reaction.

There are those who are always ready to eat everything. They eat what's theirs and what others give them, they're the bad-tempered. And note that the first figure seated, full of rage. His hostile, angry expression is the result of a process that is developing against him. He fell from grace. Notice the anger with which he takes revenge on the fork. He will hardly eat, as the cafeteria workers are prepared to put just a little water on his plate. That is, until their personality is destroyed. (This topic is dealt with in another painting).

The description that follows may perhaps be considered shocking, but because it is true, it must be told. For the guards, an internee eating or not eating was no problem, they just had violent crises of authority. How many times the internee cannot eat, but he forces him to. Get on his side. He insists and when you least expect it, he appears in the first "cachassada" that hits him with his nose on the plate. And it continues, until the internee starts vomiting. He yells at him "if you vomit, you eat..." and that happened many times.

Being forced to eat vomit because it seems impossible. It's shocking, but it's true.

## 9 "The Lineup"

Of the lineup, there is little to say. To go out, it was necessary to remove the underwear, the jeans, and the cotton shirt. Already in the laundry room, with a profile and in its place, there was a uniform and cap, with a number! They had to be in order, with buttons and clasps in place. And so, everyone in the same uniform, went out into the street, well-guarded, someone could escape. Woe to whoever spoke. His number was pointed out in silence, for later!...

Meanwhile, on the street, as they passed, rumblings like these could be heard:

"Poor things, they only have eyes and ears - Look, they were abandoned! Bad mothers, not even animals abandon their young!" Or even: "That one is so cute, so thin, poor thing!"

Here is the reason that inspired this canvas: (because the wound remained)

- The recommendation of the Chief of Guards:

"You go on the street, because outings are for others!"

Fortunately, only a few managed to get injured.

The lineup may well even be a mirror of civility. Knowing how to wait, walking in your turn and in an orderly fashion, is one thing,

whereas the outing was only for others, NO!

## 10 "The Return"

*He ran away!... but he was hunted. The news came rushing to all corners within the walls.*

*It was not difficult for the street and traffic police to realize that the boy who was walking on the road, with his shaved head, wearing only jeans and a denim shirt, plus a rag as a suitcase, to carry his things, was a fugitive from Colony. And so, he chased and grabbed him as if he were a wild animal and handed him over.*

*In the canvas, you can see the front desk clerk with his head down, sad, because he knew what was going to happen to him. Colleagues within iron gates await him, sharing in the common defeat. He was hunted! In addition to the humiliation of the return, there would be lashings and passage through the infirmary to treat the wounds with calcimine and vinegar.*

*How many times they ran away with nowhere to go, nowhere to eat or sleep and hunger intensified. It was of their own free will that they gave themselves up again. Here, once again I emphasize the action of Father Américo - "If you want to go, go, when you want to come back, come back!" There were no walls, no bars, no guarded doors, no bars to exit or enter!*



## 11 "The Water"

*This theme is a tribute!*

We all know that children by the sea are happier and, therefore, spend their time more actively than usual. Hence, perspiration and thirst. In addition to the torment of thirst, it is the physical need to ingest liquids. But the truth is that there was no water supply. The thirst was starting to escalate! They already saw themselves running less and the older ones taught: "Take half a dozen steps with your tongue out, it's refreshing!" But the truth is that only water satisfies. Those who had already gone to the baths said: "Wait, calm down, she is coming!". "She" was the grandmother of Fragina (?), a former internee, whom we don't know, who lived near Cachinas. So many, or all eyes were searching, over there, trying to see her. It was good that she appeared because some boys even felt ill.

And it was true, that saint went there, usually carrying a watering can, bucket and two or three mugs of leaves.

We remember that little old lady, with very white hair, a face with deep lines, like everyone else on the seaside. We remember her comforting expression when she saw them greedily drink the water she had carried from so far away. But she knew how dear she

was regarded. There were even those who confidently called her Grandma! And she responded. She was good, she was simple, maybe her thoughts were not lofty, but she felt deeply. She knew that many never had a grandmother and she was one for all of them!

- For the water and for her love, here or beyond,  
Well done, Grandma!

## 12 "THE PUNISHMENT"

Curiously, those who suffered the most physical punishment were usually the same. One punishment was soon followed by another. Why? Because the action deserving further punishment was almost always proof of retaliation. This situation made a child just rebellious; he became a bad boy! And the attack really came, in this case, shown like this - The Guard beat him, and he just said: "Aren't you stronger than that? Come on!". Of course, this exalted the punisher and there was more violence in the punishment. But the truth is that some internees were tough. And they kept saying, "That's it?" Of course, this was his way of reacting at the time, but in a situation of equality, crime could arise. The following testimony is proof of this.

One day, the secretary showed up completely revolted, even with

overturned cupboards. From this situation, it was found that some paper reams were missing. And as this particular one was used to draw, the 2 or 3 internees who liked to draw were called and punished, one of them having to bandage his back in the infirmary, with calcimine and vinegar. These boys belonged to a group that was rarely punished. One of these boys, no one knows which one, also took revenge! - Leaving his field, which was already a great adventure, there he managed to reach the house of the head guard.

## 13 "THE DEPERSONALIZED"

Jackals attack in groups.

Inside, at the "big guy" level, there were also gangs. And when they lacked strength, they allied themselves with others. When one fell from grace, they depersonalized him, made him a rag. They all ended up the same. Fallen, hurting! It was only a matter of time. While for some it only took half a dozen days, others took one, two or three months.

The process: the machine set up the plan and, from minute x, everyone obeyed it. Your isolation begins. Nobody can talk to you. He starts to be scaled to the worst chores, like toilets, etc. After cleaning, they went back to dirtying everything

and, as there was a search, he was punished. The bed was unmade, as there was a magazine on top, he was punished. The same happens in the cafeteria. The cafeteria workers only pour a little water on his plate. His mail is delivered torn up, his clothes are ripped, he is woken up by a pillow, without knowing who it was, etc., etc. The days go by. Nobody talks to him. Alone, leaning against the walls, with all his belongings under his arm, otherwise he's left with nothing. Then another phase begins. He's growing up, as the bosses said. Kids are sent around like jackals to get on your nerves. With their clubs, they surround him, beat him, pull his clothes, spit on him, call him names, and he no longer reacts! He takes refuge in the wall and asks them to leave him alone. The figure is typical. With one arm, he holds his things, and with the other he mainly defends his head from being beaten. He screams, he begs "Leave me! Leave me!".

It's a pity... He's not the brave, headstrong boy he was a few weeks ago. Sometimes they were boys who could do well with 3 or 4 in open fighting. Any kid yells at him: "Go give him a kiss on the floor! And he goes and asks them to leave him. At this point he's totally depersonalized, he's a rag!

Some of the gang, in this period, took his act of depersonalization too far, taking him to the woods, violating

him! It was the end! This situation, it is not known when, but it will cost you dearly. And the truth is that, sometime later, after the other party had achieved certain ends, which resulted in this depersonalization, peace was made. It was normal for some to appear in a state that looked more like they had fallen from a 10-story building. The truth is, he was turned into a rag. He didn't eat, he didn't sleep, it was a shame! He was depersonalized!

## 14 "THE ESCAPE"

If it is true that most internees have no one and nowhere to go, it is also true that just because they are in prison, they have to flee. From the moment someone decides to run away, two different adventures await him. The first, the escape inside. The second, the escape outside.

From the first, the plan had to be established. How? When? And what could one count on? So, he started by storing his rations of bread. This would give him a certain independence and initial ease of movement, but then he would have to ask or even steal, like any stray cat. They were usually caught. Hunger and their appearance betrayed them.

The second, outside, was no easier. There were those who liked to help the "kids", but there were also

those who pursued with an almost ferocious pursuit. Inside, news arrived that the fugitive was seen in several places, sometimes even opposite sides, within a few hours and it was difficult to catch him.

Generally, after collective rebounding chases, through roads or woods, he was grabbed there like a wild animal. He had spent a few days on the run, starving and sleeping in haystacks. He's just an unlucky kid.

There he ended up being thrown among the others. This gave everyone a sense of defeat. Punishment followed...

...And for a few days one had a lot to tell!

The escape, sometimes, was just to get the smell and taste of freedom, always worth it, regardless of the outcome.

## 15 "THE ENTRANCE"

Two brutal clashes!

- The first is the mother/child separation
- The second, the transposition beyond that door.

Beyond that big door, love, affection, and freedom ended.

The Porter, already in possession of his documentation, directs him to the clothes shop. There, he exchanges his clothes for the order's shirt and jeans. Afterwards, he is taken and

dropped off at the playground. There he hears himself shout: "Another one! Another one!" He is quickly surrounded. Fear, so much fear. Lost and feels cornered as prey by dogs. The circle closes. Too many faces and too many eyes on him. Normal guys, sick guys, crazy guys, enigmatic guys, aggressive guys, hot-tempered guys. And then starts the bombardment of questions: -Where are you, man? - How old are you, man? - Do you have parents, man? They pull his shirt from behind, from the side, from the front, followed by a slap, or even a kicked shin.

After the goodbye tears, others burst, those of fear. And there are those who yell at him: "You're tiny, man!" He's so little, just over 6 and a half years old.

There's always one that says, "Leave him alone!" If he is big, he will be his godfather, his bodyguard, but also the one who will keep everything for him, even the "spoiling" he has on visiting days.

Leaning against a wall, he cries, looks, searches, and doesn't understand! Someone approaches him and says, "Don't cry!" This will usually be a friend in the future. He starts by teaching you the touches of order. There are touches for everything. He starts by pointing out his place in the lineup. And he says "You're behind 307... This is your bed... This is your plate!"

Finding your place in the lineup is difficult, there are so many of them! - Dorms, there are several and beds, there are so many! - And, in the cafeteria, looking for your plate and your place is also difficult, because there are so many plates and bowls and tables.

The truth is that, from push to shove, he ends up knowing, learning. The first night is painful and terrible! Longing and fear make you cry. He muffles his cry with the sheet so he can't be heard.

It's only been a month and he's grown so much!... he empties himself of tears and, from there, his fight begins. The struggle to survive and to keep up.

## 16 "Fight of Giants"

It had been some time since the storm had been predicted. They were big. There were two superpowers. For a long time, there was the question of who would win in the fight. It was truly difficult to venture the name of the victor. Any one of them was brave. And either one of them knew that about the other too. That's why they avoided each other. Gunpowder! The cold war had long since begun. They were filled with hate, like gunpowder in a magazine. All it took was a little spark. And she appeared in the middle of the night and precisely in that dormitory.

It was winter. Time when hunger was really intense! Late at night, one of them, a boy considered to be bad, ran away, and in a great adventure, he went to the dormitory breaking into his room, and ended up returning to the dormitory exactly like Michelin's dummy. With his shirt tied around his wrists and his trousers round his ankles. He was fat! It was full of codfish, bread, chorizo, tomatoes and onions.

He put everything on the first bed and said: -"Wake up everyone! First the kids eat" (and he was mean) "First the kids eat" - he repeated. The other superpower took a loaf of wheat bread, and it lit the fuse! He threw himself at him and it was the biggest fight we've seen! They were really brave. Ethics did not allow them to be separated. They were already hitting each other more with their eyes than with their fists. They already fell just because they bumped into each other. Nobody won! And they proved it right away how brave and noble they were. Suddenly, the night guard and the guard of the area entered the dormitory and asked, "What is going on here?" The two of them, well punched, bloody, falling, said to one "Nothing's wrong." The guard wasn't all that, and he realized what a bad thing had happened, he took their words and said: "Nothing's wrong, let's go to sleep!"

## 17 "The Dark Room"

Fortunately, already 50 years ago, it rarely worked. And when it happened, in very mild ways, according to what the elders reported. Even so, just because it existed, it was a thorn in the minds of internees. It was in a stairwell in that big house. Old place, frequented by cockroaches and rats. But it worked and that's all we are here to remind you of. Former internees must have lived or still live with the bitter memory of that black space, having as utensils, a bucket for their necessities.

As this exhibition has a purpose, we ask: How many of us would be able to lock a child, plus one more child, in a room like the one described?

With the imagination and fear of a child, what can he see in the dark!!! After the physical punishment, if there was a recurrence, the dark room came!

For "Castro" (a figure presented in the theme "The Punishment"), it was time to speak, dignifying him, as he did several times: "You know good and evil well, so you are, now, here, in charge! Then I come to ask you for an account of your mandate". He turned "bad guys" into "good guys". We remember that his punishment was harsh but fair and very human! That's why nobody was afraid of him.

## 18 "VISITOR'S DAY"

Early in the morning, when the bugler rang the dawn, the first thought is joyful... Today is visiting day! Months, weeks, days, hours, and minutes were permanently remembered in its countdown.

Visiting time has come! What is the first visit after admission? There are no words to describe it. The long hug with hiccups, which even makes your bones hurt! The eyes want to drink more than to see, mixed with crying.

We remember here and already those for whom there was never a visitor's day. They continue to play with the ball or the bar, oblivious to any call. Could it be that they don't feel it? Does it really not hurt?

The others were lucky. Their numbers were always part of the first call. Theirs always arrived in the first van.

And in those dark rooms, with the big guys, with guards and benches, the visit took place. - A grandmother, just the grandmother - separated siblings - a letter picked up before surreptitiously delivered to the family, etc., etc.

The visit was a kind of oasis. Now and then, it's a bell that rings. It is the bell at the entrance, which announces the end of the visit. The visitors and the visited were sad and again began the countdown to

another oasis!

## 19 "The Dramatic Scene" - Fainting Rehearsal

One day, when the lineup in transit was rolling in a garden in the city of Porto, towards the Boavista train station, it stopped!... Why did it stop? What happened up ahead?

The news has already started to bounce back, word of mouth has arrived! A woman, knowing the uniform, asked. She asked for "him", he was her son!

Suddenly, like a spring that springs, the whole lineup turned its back on him, in a gesture of solidarity with "him".

"He" had died, about three years ago. So long and she, the mother, still didn't know! -It was one of those that, after admitting him, she abandoned him!

## 20 "Christ in a Necktie"

- My God, so many abandoned people!...

...And one day someone approaches and says, as if saying the greatest banality in the world - "I am your father, or your mother!"

He, already emptied of tears, does not waver or cry. However, he had waited all his life for that moment.

He knew that one day, in a twist of

life, he would know!!!

In this canvas, as a touch on the general lineup, a call is made for all those who abandoned, and for this very reason, the rich and perhaps wealthy, for there lived and will continue even so, living, merely and only as CHRISTS IN A NECKTIE.

